

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LAYSLA EMANUELE SANTANA LEITE

**PALAVRA, CARNE SELVAGEM: MEMÓRIA E VIOLÊNCIA EM *MARIA FLOR*
ETC. DE ARRIETE VILELA**

Delmiro Gouveia
2024

LAYSLA EMANUELE SANTANA LEITE

**PALAVRA, CARNE SELVAGEM: MEMÓRIA E VIOLÊNCIA EM *MARIA FLOR*
ETC. DE ARRIETE VILELA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Campus do Sertão, como requisito final para
obtenção do título de licenciada em Letras –
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Delmiro Gouveia
2024

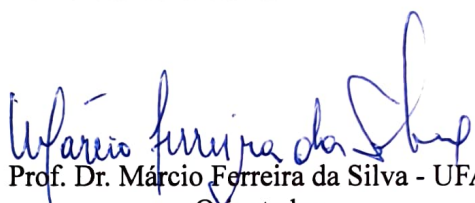
FICHA DE AVALIAÇÃO

LAYSLA EMANUELE SANTANA LEITE

PALAVRA, CARNE SELVAGEM: MEMÓRIA E VIOLÊNCIA EM *MARIA FLOR ETC.* DE ARRIETE VILELA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Campus do Sertão, como requisito final para
obtenção do título de licenciada em Letras –
Língua Portuguesa.

Data da Aprovação: 29 de novembro de 2024.


Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva - UFAL
Orientador

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

FABIA PEREIRA DA SILVA

Data: 09/12/2024 09:02:13-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva - UFAL
Avaliadora Interna



Documento assinado digitalmente

HERLANNE NAYARA DO NASCIMENTO SANTANA

Data: 07/12/2024 06:53:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Esp. Herlanne Nayara do Nascimento Santana (PPGLL/UFSJ)
Avaliadora Externa

Dedico este trabalho a minha mãe, Aparecida (*in memoriam*). Nessa poesia vou te eternizar.

Girassol

Pouco a pouco o inteiro tornou-se metade
Pouco a pouco a calma tornou-se furacão
Pouco a pouco o imenso tornou-se vazio
Pouco a pouco o riso tornou-se choro
Pouco a pouco o barulho tornou-se silêncio
Pouco a pouco a felicidade fez-se triste
Pouco a pouco o que era cheio de cor se desbotou
E desapareceu
Lentamente
Pouco a pouco
Fiquei sem meu amor
De repente
Pouco a pouco só me restava dor.
Pouco a pouco tomei minhas lágrimas e todo caos do meu dia
E os tornei nessa poesia
Ah ! E não posso deixar de contar daquele dia, irei falar
Não posso deixar passar
Naquela noite que fostes e disse: Meu bem, eu volto já!
Levaste meu coração pra nunca mais voltar
E até hoje te espero com meu mousse de maracujá
Meu mais lindo girassol eu te dei
Quanto tempo se passou? Eu não sei!
Mas parece que foi ontem que todo seu amor eu guardei
A lembrança da triste última noite em que meu coração te entreguei
E ainda com o calor do seu último abraço, eu me deitei
Pobre menina!
Não sabia o quanto aquele amanhecer lhe causaria espanto
E pela manhã fez-se o pranto
Entre tantas flores, tu fostes a mais especial
E não há ninguém mais sentimental
Preciso agradecer-te, pois para mim deixou seu pedaço mais bonito
E confesso, ele tem o seu sorriso
Prometo ensiná-lo
Pouco a pouco
Lentamente
Vamos ficando bem
Preciso te dizer que hoje o mundo chora sua ausência
E eu também
Pouco a pouco
E de repente
Quando eu der meu último suspiro, ainda assim vou sorrir
Porque finalmente irei me juntar a ti.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Girassol, por me ter concedido vida e força para sobreviver numa existência dolorosa, obrigada por me apresenta ao amor. Sua ausência ainda é dilacerante.

Aos meus amigos Dean (*in memoriam*), Diógenes, Juliane e José que encontrei na graduação que se tornaram partes preciosas de mim. Meus melhores amigos, agradeço por nossas almas terem se encontrado nessa vida, vocês estarão para sempre em mim.

A minha família por todo o apoio e incentivo nessa trajetória.

A todos os meus professores, em especial, ao meu orientador prof. Márcio Ferreira da Silva, que compartilhou comigo o amor pela Literatura.

Desenho essas linhas com todo meu afeto que transborda gratidão por ter e encontrar pessoas incríveis nessa vida. Que de alguma forma tocaram o meu coração e me construíram no que sou hoje. A todos dedico meu amor. Obrigada.

A palavra é carne selvagem

Arriete Vilela

RESUMO

Este estudo examina os contos presentes na obra *Maria Flor etc.*, de Arriete Vilela, com foco na relação entre memória e violência como elementos estruturantes da narrativa. O objetivo é analisar como as personagens, em especial figuras femininas, vivenciam abandonos que se manifestam em um espaço de desafeto e marginalização, observando o papel da memória e violência na construção de suas identidades. A metodologia consiste na análise literária de trechos selecionados, enfatizando a linguagem crua e simbólica de Vilela, que reflete uma condição do desamparo, da solidão. Os resultados revelam que a abordagem da violência na obra expõe feridas sociais e reforça a importância da memória, mesmo sob condições de dor e abandono. A pesquisa contribui para a fortuna crítica da autora e para a compreensão de sua relevância na literatura alagoana, abordando a violência e a busca pela identidade como expressões de liberdade e resistência. A finalidade é contribuir com a compreensão da forma literária arrieteana e demonstrar que a estética literária de *Maria Flor etc.* oferece ao leitor uma experiência transformadora, promovendo uma reflexão crítica sobre questões sociais e emocionais, ampliando a compreensão sobre o desamparo não só individual, mas o desamparo do mundo. Assim, tomou-se como base teórica para esta pesquisa, os estudos de Schmidt (2024), Santos (2020a), Santos (2020b), Seligmann-silva, Ginzburg, & Hardman (2012), Lima (2011).

Palavras-chave: Literatura. Violência. Memória. Arriete Vilela.

ABSTRACT

This study examines the short stories in *Maria Flor etc.*, by Arriete Vilela, focusing on the relationship between memory and violence as structural elements of the narrative. The objective is to analyze how the characters, especially female figures, experience abandonment in a space marked by neglect and marginalization, highlighting the role of memory and violence in the construction of their identities. The methodology consists of a literary analysis of selected passages, emphasizing Vilela's raw and symbolic language that reflects conditions of abandonment and solitude. Findings reveal that the portrayal of violence in the work exposes social wounds and underscores the importance of memory, even under conditions of pain and abandonment. This research contributes to the critical appreciation of the author and to an understanding of her relevance in Alagoan literature, addressing violence and the search for identity as expressions of freedom and resistance. The purpose is to deepen the understanding of Vilela's literary form and to demonstrate that the aesthetic of *Maria Flor etc.* offers readers a transformative experience, fostering critical reflection on social and emotional issues and expanding the understanding of abandonment, both individually and globally. Thus, the theoretical basis for this research was taken from the studies of Schmidt (2024), Santos (2020a), Santos (2020b), Seligmann-silva, Ginzburg, & Hardman (2012), Lima (2011).

Keywords: Literature. Violence. Memory. Arriete Vilela.

PALAVRA, CARNE SELVAGEM: MEMÓRIA E VIOLÊNCIA EM *MARIA FLOR ETC.* DE ARRIETE VILELA

1.Arriete Vilela: garimpando palavras

Natural de primeira capital de Alagoas, Marechal Deodoro, Arriete Vilela retira do próprio espaço de vivência seu garimpo de palavras. O espaço desigual da cidade interiorana flagra a imagem artística e poética do mundo representado. Nessa visão, a escritora namora e garimpa artisticamente os temas contemporâneos como a memória e o esquecimento, ou a memória e a violência.

Este artigo analisa os contos do livro **Maria Flor etc.**, de Arriete Vilela, cujo recorte recai sobre a escrita da escritora alagoana. Ao expressar a arte através de palavras, a escritora coloca algo extraordinário na escrita literária: a forma escrita metafórica sobre a forma da memória e da violência. Arriete Vilela faz da representação mimética ao como colocar a palavra em carne viva, como ela mesma afirma. Assim, os contos contidos em **Maria Flor etc.** se apresentam como diante de personagens e espaços, como, por exemplo, o narrador no conto *A filhinha*, em que a personagem Berenice nos apresenta no espaço urbano o deslocamento da personagem, fazendo com que a imagem da cidade se projete na imperfeição e nos defeitos das marcas de violência. “Há meses a mocinha de nome Berenice, fazia o mesmo percurso, à mesma hora. Subia os incontáveis e irregulares degraus da escadaria da gruta onde marava e tomava o rumo do centro da cidade” (VILELA, 2002, p. 11).

Santos (2020, p. 50) afirma que Arriete Vilela faz “criar um tecido poético de fragmentos de memória é uma atividade que se realiza no mesmo passo em que o eu lírico entra, novamente, em contato com um passado marcado por dores e traumas”. Esse percurso de representação da dor e do trauma está devidamente evidenciado na poesia e prosa arrieteanas.

Aqui, neste artigo, nosso objetivo é reconhecer no livro **Maria Flor etc.** a relação entre memória e violência, cujo valor estético estabelece uma linguagem literária que “não se desnuda, revela-se, desvela-se, aí, a Arriete menina, a menina mulher?”, como diz Vieira (2005), analisando a construção das personagens femininas e, ao mesmo tempo, buscando o sentido que abarcamos entre a representação das questões da memória e da violência na narrativa.

O livro **Maria Flor etc.** é um livro de contos que reúne doze contos, dos quais oito apresentam a presença da mulher sob a condição da violência. Para Schmidt (2024, p. 13),

Vilela, ao dar voz a suas personagens, dá voz às dores de todas as mulheres vítimas de violência, dá voz ao grito sufocado daquelas que não conseguem se manifestar. A linguagem literária é um mecanismo eficaz para que possamos refletir sobre a posição e a situação da mulher na sociedade também quando o assunto em pauta é a violência.

Retomando o conto *A filhinha*, em **Maria Flor etc.**, por exemplo, podemos dizer que a personagem Berenice representa uma maternidade negligente, a figura do abandono. O uso do substantivo "mocinha" mostra a prematuridade dessa maternidade que chegou antes de existir um corpo pronto para isso, tanto que o colo dela era despreparado e desconfortável em vez de proporcionar amparo e proteção para o bebê. O bebê se torna objeto desumanizado em troca de dinheiro na rua. A forma que Berenice mantém o bebê, num estado de semimorte, pode representar como a própria Berenice se sente internamente: morreu por dentro por não ter recebido amor como precisou e/ou ter sido abusada. (ela se movimentava ágil como quem já vivera todos os perigos das ruas).

Uma parte dela morreu, a infância se perdeu. A personagem se utiliza da miséria em troca de migalhas afetivas vindas do outro, que são representadas nas moedas dadas na rua. Para Berenice, esse bebê nem existe, ele é um instrumento usado para pedir afeto, tudo que ela consegue ver e sentir é o próprio vazio e a própria morte. É possível perceber isso quando ela esquece até de dar água para o bebê, líquido básico para manter a vida. A morte da criança nas mãos dela e o fato dela jogar o corpo no chão também. O corpo é jogado, é descartado de forma grotesca no chão como se fosse um objeto.

Ao sinal vermelho, Berenice movimenta-se entre os carros com agilidade de quem já vivera todos os perigos da rua. Exibe a criancinha diante da bondade desprevenida das pessoas e, quando alguma moeda lhe era dada ou jogada, recolhia-se avidamente (VILELA, 2002, p. 11).

Além disso, a criança logo é substituída por uma boneca para preencher o espaço nos braços da Berenice. Substituindo o bebê pela boneca para preencher o vazio que ficou nos braços, assim como preencher o vazio interno de afeto pelas moedas dadas em caridade por estranhos na rua. Pedindo afeto a estranhos por nunca ter conhecido alguém significativo que lhe desse afeto, talvez fosse uma estranha para os pais assim como o bebê era um estranho para ela. Também pode ter sido abusada por alguém em quem

Berenice tinha confiança e essa pessoa se tornou uma estranha pra ela, alguém que dava afeto, mas também que a feriu. Santos (2020b, p.31) afirma que Arriete Vilela:

Ao mesmo tempo que, nos deleita com o melhor da estética literária moderna, onde o entrelaçar de poesia e representação nos provoca não só repulsa, horror, mas também, aproxima e nos faz lembrar a vida de várias Marias, sejam mães, avós ou até mesmo aquelas que deparamos em sinais, pedindo esmola, chorando a morte de um filho, mas que marcam nossa alma profundamente.

Na verdade, podemos dizer que, talvez para ela, nem importava o que estava ali nos seus braços, somente os olhares que conseguia através disso, a atenção recebida dos outros que ela precisava e sentia como amor. Ela se sente tão vazia de afeto que recebe e entende como amor a caridade das pessoas. É um amor através da ferida aberta, do pano sujo. A necessidade de receber amor é maior que qualquer afeto até mesmo pelo próprio bebê. Já que não conseguiu esse afeto de forma natural por ser quem é (poder viver a própria infância, ser vista como criança sem ter sido erotizada?), somente conheceu a possibilidade de receber o que precisa através dessa miséria. Deixava as feridas do bebê abertas para que não cicatrizassem para que pudesse continuar recebendo esse amor. Cicatrizar seria não receber mais afeto dos outros, teria que manter a ferida aberta e os panos sujos, mostrando assim como ela estava se sentindo internamente (sangrando internamente e suja, assim como a ferida e os panos) para que pudesse ser vista e receber amor. Mostrava a partir do estado que mantinha o bebê como ela se sentia dentro dela mesma, o que não era falado em palavras era simbolizado no bebê como se fosse um pedido de ajuda ao outro, esse outro que ela teve que recorrer a estranhos como se não tivesse nenhuma figura na vida dela que pudesse confiar.

A narrativa segue e as marcas temporais se fazem presentes, como na sentença seguinte, quando a narradora diz que “meses depois Berenice foi vista numa esquina movimentada e estava inerte, não levantava os olhos, não sentia mais” (VILELA, 2002, p. 12). Tomou-se de loucura e desconsolo diante da realidade que batia como o sol e chuva, grudando-se como sujeira no corpo, na alma oca que permanecia assentada naquela esquina, sendo atropelada pelo vazio. Parecia abandonada em um mar de rostos.

No conto *À pele da alma*, outro exemplo, a narrativa coloca a personagem feminina em evidência. A mulher busca através da dor, do dilaceramento receber o amor que precisa. Um amor frágil que nunca conseguiu “segurar”, um amor que se encontra fora de seu controle, dependente do olhar do amado que lhe era sempre indiferente. Dessa

forma, podemos afirmar que existe um vazio de si e a busca de se completar através do outro. Essa busca do amor no exterior também está no rapaz que a segue.

Na literatura, o jogo do olhar demarca uma relação com o olho que tudo pode e quer ver, por isso a indiferença presente no olhar do marido para ela também está no olhar dela para o rapaz, como se fossem pessoas sempre em busca de amor no outro, sempre fora de si (por isso vazias) e o que sobra nesses corpos é a indiferença, a desimportância de todas as outras pessoas que não sejam essa idealizada de quem se está buscando o amor para se completar. Uma busca de amor que parece sempre impossível, sempre no campo da indisponibilidade.

Essa impossibilidade se revela em jogo do olhar diante da traição, por isso o olhar da mulher, com o marido que lhe é indiferente e que a traiu, e também do rapaz que pensa ter sido olhado quando na verdade ele está sendo somente a projeção do bisavô. E ela fixou o olhar ali por ter lembrado justamente de uma figura do passado dela, uma projeção do passado que foi lida de alguma forma como afeto, então é como se ela estivesse fazendo essa busca no outro pelo que na verdade lhe faltou no passado? Será que o que ela está buscando é realmente o amor do outro, pertencente a esse outro, ou é um amor que faz parte (ou deveria ter feito já que faltou a ela) da própria história dela, como se estivesse buscando por fragmentos de si mesma e da própria história no outro?

Na verdade, podemos admitir que é como se ela estivesse tentando se resgatar, se prender, tentando achar um amor que deveria ter feito parte de si mesma para segurar a ela, dar consistência a esse corpo e a vida dela. Ela se dilacera nessa busca de achar segurança no amor do marido, mas não achou ali. Encontrou uma indiferença que ela mesma reproduz quando olha para o rapaz já que ele apenas representa alguém já conhecido para ela. Enquanto a mulher apaga-se em si mesma, em sua dor e desilusão destecendo-se em confidências de desamor, o rapazinho enxergar na mulher a primeira paixão e desconhece o perigo de estar à soleira da porta de uma alma torturada. E o rapazinho se apaixona intimamente como se o amor fosse mais que necessário, fosse a finalidade única da alma humana. Mas ele é só um detalhe no caminho da mulher

Talvez ela desejasse **esquecer-se** no dilaceramento. Rever-se, reencontrar-se. E, nele, atar-se como um fio se ata a outro, intuitivo e ordenado, para não perder outra vez nos equívocos afetivos (VILELA, 2010, p. 14).

Sobretudo a esperança do amor que é, ele também, um grande dilaceramento. Medroso, dilacera-se junto aos fios dos equívocos e, para além da pele sobre a ferida da alma, sangra a própria cicatriz (VILELA, 2010, p. 14).

Ainda sobre o conto *À pele da alma*, a narrativa lança luz sobre a complexidade das experiências emocionais da protagonista, revelando nuances significativas sobre sua busca por identidade e amor. O uso do verbo "esquecer-se" na primeira citação sugere uma aspiração por um esquecimento redentor no próprio ato de dilaceramento. Aqui, o dilaceramento não é apenas uma dor autoimposta, mas uma espécie de renascimento, um processo de se encontrar novamente no âmago da própria angústia.

No segundo trecho, a consideração de que a esperança do amor também é um "grande dilaceramento" eleva a narrativa a uma reflexão sobre a ambivalência inerente aos anseios amorosos. O termo "medroso" sugere uma hesitação intrínseca, delineando um conflito interno entre o desejo e o receio de se entregar. A relação entre a esperança amorosa e os "fios dos equívocos" evoca a ideia de que a busca por amor pode, em si mesma, ser um terreno de equívocos, onde a fragilidade emocional pode desencadear dilaceramentos.

No conto *Maria Flor*, podemos observar que a narradora nos apresenta uma menina, cuja condição social se revela diante do abandono. A menina é vazia de afetivo e busca "uma" mãe. A autora faz essa especificação usando o artigo definido e indefinido para dizer que ela não quer "a" mãe, essa pessoa física que lhe deu a vida, que tem um rosto específico. Como cresceu sem conhecer a mãe e sem sentir o acolhimento vindo dela, buscava "uma" mãe que a preenchesse nesse oco afetivo, buscando essa presença em qualquer rosto que pudesse encontrar.

Com efeito, a mãe, Otília, não conseguia ver, pois ela tinha na rigidez as suas próprias carências reprimidas que eram projetadas em Maria Flor. A menina acaba trazendo para fora uma parte de Otília que ela não queria encarar, tinha deixado enterrada em si mesma há muito tempo. Quando encontra "uma" mãe, o afetivo que precisava receber é tudo que ela consegue enxergar.

A narradora produz um discurso de que a menina deve entender somente dos afetos (da carência deles). O olhar da menina, que buscava obsessivamente por uma mãe desde a infância, consegue ver e sentir somente seu vazio interior sendo preenchido, lhe sendo indiferente tudo que tinha que fazer em troca desse afeto. Essa carência talvez lhe causasse certa cegueira, uma busca que preenchia um vazio tão grande que como ela conseguia enxergar "uma" mãe em qualquer mulher, também enxergava qualquer coisa que lhe mandassem fazer sob essas lentes do afeto.

No final do conto, quando a própria Maria Flor agora é “mãe”, e tem ainda que preencher esse vazio afetivo em si mesma, sendo quem ela tanto queria que tivessem sido pra ela. Sua memória construída sob

uma infância à margem de qualquer afeto e esperança, sentimentos, aliás, cuja falta não lhe enrugava a alma justamente por nunca terem sido provados. Uma infância oca, feito um bambu acinzentado, em que o desejo obsessivo da menina era ter uma mãe (VILELA, 2010, p. 19).

Lindinalvo encontrou Maria Flor semimorta numas folhas secas de uma velha jaqueira sem viço. Quando Lindinalvo morreu, ela nada sentiu. Chegou na capital, “e conheceu o desamparo e o labirinto das ruas, o imprevisto das esquinas, a desconfiança e a hostilidade dos rostos desconhecidos” (VILELA, 2010, p. 20). Marginalizados da sociedade, a personagem constrói em “seus olhos de fiandeira de vãs esperanças ressequiam-se de tanto se colar ao corpo maltratado de cada possível mãe” (VILELA, 2010, p. 21).

Maria flor corria para sua alma desalentada e seu coração/corpo desnutrido de amor. E ela é levada/tomada de si por esse afeto, rasgada pelas garras desse amor que afundou tão forte em seu ser. Maria flor deixa ser corpo vazio e deixa-se ir, mas o que importa é o cafune, o abraço caloroso cheio de afeto da sua mãe depois de seu corpo ser vendido, como um amor da mãe é comprado e o preço é a morte de Maria Flor, não uma morte física, mas uma morte irreversível da sua alma. Ora escrava da falta de amor, ora refém da presença desse amor que acorrentava e deixava tudo vazio. Quando a polícia vem e tira Maria flor desse lugar ela esperneia, chora e se desespera pois não quer perder esse afeto que é tudo que (des)conhece.

Assim, podemos dizer que a morte de sua existência, que deixou de ser ou nunca foi, desde o momento que foi deixada ainda bebê, nunca se projetou na maneira como os acontecimentos se construíram, mas na dor da memória perdida, aqui registrada na forma de palavras pela narradora. Então, ela não pôde ser sempre alguém a tomava de si mesma, pois as memórias são ausências. “Maria flor nunca pudera montar peça a peça o seu passado” (VILELA, 2010, p. 19).

Seguindo na análise dos contos de Arriete Vilela, *Calungas* é um conto que nos apresenta a personagem D. Veridiana. Ela sente uma solidão internamente, uma sensação de abandono. Tenta lidar com esse abandono acumulando coisas no mundo externo, que era onde ela pode sentir algum controle sobre a própria realidade. Por isso o ciúme dos

calungas, quer todos para si, pois tem medo de perdê-los, talvez assim como perde o afeto que um dia experimentou (ou pode ter nunca experimentado).

O ato de costurar os retalhos e vestir os calungas pode significar como através disso ela tentava “costurar” também essa dor interna, tentando amenizar, tentando fazer sentido. Existe um abandono na própria imagem de D. Veridiana, que no conto fala ser uma mulher com muita magreza. Esse abandono reflete justamente como ela se sente e tenta lidar com isso através do cuidado dos calungas. Sua necessidade de afeto é tanta que ela enxerga ali a companhia e o afeto que tanto precisou receber. A forma atenciosa que tinha enxergado os detalhes das roupas e que depois passa a fazer ela mesma e cuidar tão bem dos calungas pode representar como ela gostaria de estar sendo cuidada.

Assim como também a forma que organiza os calungas na procissão, como um batalhão disciplinado, sempre contendo essa questão da ordem, do controle, em oposição a como poderia estar se sentindo desmoronada e desorganizada internamente. Por isso que nem sequer percebe os ratos no cômodo e acaba morrendo no incêndio.

Portanto podemos afirmar que Arriete constrói com muito afínco o impacto da ausência/busca de/por afeto... parece que a personagem encontra a morte em vida pela carência de amor.

Em outro conto, chamado de “Fixação erótica”, há a representação de ação do filho que brutalmente esgana a mãe, exerce poder sobre ela e deseja odiá-la pois não realizou os seus desejos sórdidos de possuir, marcar a carne da própria mãe, mãe que sempre foi atenciosa, carinhosa. Um desejo visceral, bruto, cru que se esparrama poderoso como um açougueiro que corta e esfola a carne de um animal já morto, seu amor incondicional agora se torna um espelho quebrado refletindo a dor e a frustração do filho.

Esse desejo visceral, bruto e cru se esparrama poderoso como um açougueiro que, com uma lâmina afiada, manuseia a carne de um animal. O filho, com suas mãos trêmulas e olhos cheios de conflito, encarna esse açougueiro imaginário. Ele não chega a cortar ou esfolar, mas o impulso está ali, latente, pulsando sob a superfície. Cada toque é uma promessa não cumprida de violência, uma tensão que paira no ar como uma lâmina prestes a cair. A mesa do açougueiro se transforma em um palco de dominação, onde ele deseja exercer controle absoluto. Cada movimento é calculado, como se ele estivesse ensaiando para um ato que nunca se completará. A frieza do desejo de poder sobre sua mãe, a quem ele não consegue odiar verdadeiramente.

Ele sente o desejo de marcar, de possuir, mas a realidade que ela sempre lhe ofereceu se interpõe, impedindo-o de ir até o fim. O brilho da faca reflete seus próprios dilemas internos, e cada gesto hesitante é uma batalha entre o amor e o desejo de controle.

O filho, como o açougueiro, está preso em um ciclo de desejo e repulsa. A carne permanece intocada, mas a tensão é palpável, como se cada momento pudesse explodir em uma violência que ele nunca permitirá. Ele não destrói a essência da maternidade, mas a relação é marcada por cicatrizes invisíveis, traços de um poder que ele almeja, mas nunca exerce completamente.

O nascimento de Maria Flor surge no conto *Flor de esterco*, em que Eudócia em uma odiada gravidez que consumia suas entranhas, a violência e a maldição de ter seu corpo invadido e escancarado. A mãe de Eudócia gritava para saber quem seria o macho que emprenhou Eudócia.

A mãe, ao ver-lhe o vestido de chita rala a esticar-se no corpo que se arredondava, tomou-se de ira e, numa ignorância comum àqueles fins de mundo, surrou a infeliz mocinha com cipó de goiabeira, até o sangue regar os lanhos do corpo maltratado.—Diz, pangarave, diz quem te emprenhou! (VILELA, 2010, p. 33).

Mas Eudócia não podia dizer a si mesma, amava o pai, o admirou, o enxergou como seu herói por toda sua infância, mas chegou aquele momento: O pai queria possuí-la a força nos atalhos do sítio. E ele pensava:

Se ela tem de ser de algum macho, vai ter que ser minha primeiro, [ou ainda] É minha filha tenho mais direito que qualquer outro homem. Aconteceu: Ele encheu o útero ao tempo em que esvaziava de si mesma, a alma demolida pelas dores que não podem ser gritadas nem compreendidas (VILELA, 2010, p. 35-36).

Eudócia pariu a filha sozinha na jaqueira sem viço ... cortou o cordão umbilical com os dentes de uma forma visceral. Eudócia queria cortar o vínculo forçado com aquele fruto de violência e maldição, queria amputar para sempre aquela feiura gerada da dor de ser esvaziada e se perder... rasgou o grito de exprimir de si aquilo que corruíra suas entranhas, aquela sujidade... ela correu para a casa ainda com sangue escorrendo nas pernas e corria porque queria mostrar, desejava ser, ansiava mostrar ao pai como uma desabrochada flor que ainda era uma menina. “Triste flor da sujidade” (VILELA, 2010, p. 37).

Para Lúcia Osana Zolin (2005), ao observar que

resta ao pesquisador e ao professor de literatura fazer com que essas vozes “outras” sejam ouvidas não apenas entre eles próprios, nos limites das reuniões acadêmicas, dos grupos de trabalho e dos seminários que se debruçam sobre a temática “Mulher e Literatura”, mas também nas salas de aula, numa atitude de renovação e não de perpetuação de ideologias hegemônicas, como a patriarcal (ZOLIN, 2005b, p. 282 – aspas da Autora).

Em *O enterro das bonecas*, a personagem Esterlina “tem-se fertilizado de lembranças”. Ela guardava em seu silêncio uma profunda vivência do passado. Ganhava bonecas do pai, mas quando seu pai ia embora, parece que levava com ele o brilho de Esterlina. Assim, com a imagem do abandono, Esterlina desejava enterrar as bonecas como se buscasse enterrar em si mesma a angústia do abandono, a ausência do afetuoso pai. O sentimento de solidão que fincava em sua alma e fazia morada.... ficava, ficava até envelhecer como um bambu seco cinzento que abria rachaduras pintadas e rasgadas pelo tempo, até cair quebrado no chão e ser enterrado, consumido pela morte.

“Os olhos da menina eram algozes, estilhaçantes como se tivessem balas engatilhadas, mas as pessoas não sabiam exatamente quão espinhentos e flamejantes eram” (VILELA, 2002, p. 52), é dessa forma que a narradora arrieteana nos apresenta o conto *Os olhos da menina*, que se mantém na representação da violência. A menina era abusada e a sua infância era montada peça por peça violentamente encaixando um quebra cabeça de vida oca, vazia. Sua alma rasgada quando um gosto amargoso de fel e morte preenche sua boca em forma de um brinquedo flácido. Dessa forma, podemos dizer que a menina chamada solidão, que não fica só por um segundo, o vazio sempre preenchendo enquanto a alma se desfaz em pranto e “em sonhos, esperança-se” (VILELA, 2002, p. 54).

Para Zolin (2005a), há necessidade de a literatura representar as vozes de mulheres, as minorias, cujos processos de violência evidenciam, no caso de Arriete Vilela, um projeto de autoria. Dessa forma, podemos pensar na maneira como a literatura nos salva e nos torna melhores, provocando-nos a tomar posição sobre o mundo. É por meio da literatura que nos enxergamos e enxergamos o outro, participamos do mundo pelas lentes literárias. Dito isso, podemos perceber a necessidade de tê-la, de senti-la e de consumi-la como animais desesperados por uma carne sangrenta que permitirá nossa sobrevivência. Como já disse Arriete Vilela (2001, p. 60), “a palavra é carne selvagem”.

A metáfora da literatura como carne selvagem, conforme mencionada por Arriete Vilela, sugere que a palavra escrita é algo visceral, essencial e primitivo. Aliás é jogo metafórico mantido na narrativa que faz com que as personagens projetem a relação com resistência, porque, como afirma Hegel (2001, p. 72), “a significação [de uma obra de arte] é sempre algo de mais vasto do que aquilo que se mostra na aparência imediata”. Assim como a carne é fundamental para a sobrevivência física, a literatura é vital para a sobrevivência humana. A palavra “selvagem” adiciona uma camada de intensidade e crueza, indicando que a literatura não é apenas um alimento, mas um alimento que deve ser consumido com urgência e paixão.

Quando afirmamos que “a literatura nos salva” e “nos torna melhores”, estamos destacando o poder transformador da literatura, como afirma Candido (2004), em **Direito à literatura**. Ela nos desafia a refletir sobre o mundo e a nossa posição nele. A literatura nos permite ver a nós mesmos e aos outros de maneiras novas e profundas, funcionando como um espelho e uma janela ao mesmo tempo.

A imagem de consumir literatura como animais desesperados por uma carne sangrenta reforça a ideia de que a literatura é uma necessidade urgente e vital. Assim como os animais precisam de carne para sobreviver, nós precisamos da literatura para alimentar quem somos. Essa metáfora também sugere que a literatura pode ser uma experiência intensa e até mesmo brutal, que nos confronta com verdades difíceis e nos força a enfrentar aspectos de nós mesmos e do mundo que preferiríamos ignorar.

2. Considerações Finais

Arriete Vilela, ao dizer que “a palavra é carne selvagem”, está enfatizando a natureza crua e poderosa da linguagem. A palavra escrita tem o poder de cortar, de penetrar profundamente em nossas consciências e de provocar mudanças significativas. A literatura, portanto, não é algo passivo ou suave, mas algo que exige *Ser*.

Essa visão da literatura como algo essencial e visceral é compartilhada por muitos escritores e críticos. Por exemplo, Clarice Lispector, no romance **Perto do Coração Selvagem**, explora a ideia de que a literatura deve ser vivida e sentida com todo o corpo, não apenas com a mente. A literatura, assim, se torna uma experiência completa e transformadora, que nos envolve totalmente e nos conecta com nossa humanidade mais profunda.

Dito isso, aponto a necessidade de a escola ler a obra **Maria flor etc.**, de Arriete vilela, que traz a memória e a violência ligadas à linguagem trágica. No tocando à memória, podemos corroborar com o que diz Santos (2020a, p. 17), quando afirma que, “transposto para o plano literário, esse ato de memória constrói um texto lacunoso, do qual emergem alguns fragmentos de lembrança que não se deixaram sepultar pelo esquecimento”. Essa importância reside na capacidade da obra de provocar reflexões profundas e necessárias sobre lembrar para não esquecer. Ao abordar a violência em suas diversas formas, a narradora não apenas expõe as feridas sociais, mas também evidencia a necessidade da lembrança, mesmo sob a condição da dor, do abandono e da violência.

Além disso, a obra de Vilela destaca a importância da memória como um elemento central na construção da identidade. Ao revisitar o passado e confrontar as lembranças dolorosas, as personagens nas narrativas em questão nos mostram como a memória pode ser tanto uma fonte de sofrimento quanto um caminho para a redenção. Essa dualidade é essencial para que os estudantes compreendam a complexidade das experiências humanas e a importância de enfrentar e processar traumas. Pra Schmidt (2024, p. 14), “Arriete Vilela não negligencia a importância da escrita feminina como uma ferramenta de libertação e autonomia. Respeito, resistência, igualdade e liberdade feminina são temas que movem sua escrita”.

Com efeito, podemos afirmar que a linguagem trágica utilizada pela narradora também assume um olhar deslocado que se liga a condição das personagens ao abandono, a dor e a violência. Através da representação da realidade, Vilela consegue captar aspectos verossímeis, cuja intensidade das emoções e a profundidade dos conflitos vividos pelos personagens pode desafiar a forma como a linguagem pode ser utilizada para representar o real ficcional.

Dessa forma, de acordo com Compagnon (2009), a *literatura deve ser lida e estudada por oferecer uma forma de preservar e transmitir a experiência do outro, mostrando sua diversidade*. Essa complexidade humana não pode ser compreendida sem o auxílio da literatura. É por meio dela que nos libertamos de padrões, de maneiras convencionais de pensar a vida. Portanto, a literatura é de grande importância por oferecer um conhecimento que esclarece comportamentos e motivações humanas.

Assim, podemos dizer que incorporar “Maria Flor” ao leitor comum é, portanto, uma maneira de proporcioná-los uma experiência literária rica e transformadora. A obra de Arriete Vilela não apenas amplia os horizontes literários dos estudantes, mas também

os prepara para enfrentar e compreender as complexidades do mundo real. Ao ler e discutir “Maria Flor”, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades críticas, emocionais e sociais que são fundamentais para sua formação como indivíduos participantes do mundo.

REFERÊNCIA

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In.: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

_____. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileira).

_____. A personagem no romance. In.: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HEGEL, George W. Friedrich. **Estética I**. 2. ed. rev. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2001.

LIMA, Silas Natanael dos Santos. Maria personagem em flor: uma análise da narrativa Maria Flor etc., de Arriete Vilela. **Revista Falares**. Revista do Curso de Letras Campus IV, Uneal. São Miguel dos Campos: Grafpel, 2011, p. 115-127.

SANTOS, Elaine Cristina Rapôso dos. Memória e esquecimento na poesia de Arriete Vilela. **Fórum Lit. Bras. Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, nº 24, pp. 15-53, dez. 2020a.

SANTOS, Edvaldo Nunes. Configurações da personagem feminina em Maria Flor etc, de Arriete Vilela. **Revext. Revista de Extensão da UNEAL**. Ano 5, Vol. 5 (2), nº 2. 2020, agosto/dezembro de 2020b.

SCHMIDT, Clarice Braatz. A arte como superação: resistência feminina na prosa de Arriete Vilela. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.17, n.9, p. 01-15, 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Org.). **Escritas da violência**: representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina. Vol. II. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

WALTY, Ivete Lara Camargo & MOREIRA, Terezinha Taborda (Org.). **Violência e escrita literária**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020.

VIEIRA, Cláudio. A palavra de Arriete. **Gazeta de Alagoas**. Opinião. Maceió, 12/11/2005.

VILELA, Arriete. **Maria Flor etc**. Maceió: Grafmarques, 2002.

_____. **O ócio dos anjos ignorados**. Maceió: Gráfica Editora Gazeta de Alagoas, 1995.

_____. **Fantasia e avesso**. 4. Ed. Maceió: Gráfica Editora Gazeta de Alagoas, 2001.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONICCI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**. Maringá: Eduem, 2005a, p. 181-203.

_____. Literatura de autoria feminina. In: ZOLIN, Lúcia Osana & BONNICI, Thomas. **Teoria literária**. Maringá: Eduem, 2005b, p. 275-283.